

PASSOS

litterae communionis

PÁGINA UM

**Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 29 de setembro de 2018**

Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy
(Varigotti, 1º de novembro de 1968)

por Julián Carrón



**Vivo
é algo
presente!**

Vivo é algo presente!

Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Mediolanum Forum, Assago
(Milão), 29 de setembro de 2018

II

Julián Garrón

Recomeçar não é uma coisa óbvia, é graça, sinal inequívoco do cuidado de Deus para com cada um de nós. Que choque, que gratidão, percebermos que não somos abandonados ao nosso nada! Mas esta graça foi acolhida por cada um de nós pelo próprio fato de estar aqui agora. Peçamos então ao Espírito – que é o ponto original deste mover-se – para nos abrir, para escancarar todo o nosso eu para acolher esta graça, e peçamos-Lhe que esta graça em nós não seja vã.

Oh! vinde, Espírito Criador

Dou as boas vindas a todos os presentes e a todos aqueles que estão conectados por videoconferência.

Este ano recordamos os cinquenta anos do 68, que foi, como todos sabemos, um momento de passagem (Bento XVI definiu-o como uma “cisão” na nossa história recente), que embora partindo de exigências justas – de maior autenticidade e liberdade – acabou colocando em crise toda a nossa sociedade.

Hoje estamos diante de outro imponente momento de passagem, a que o Papa Francisco se refere como uma “mudança de época”, caracterizado por aquilo a que

chamamos “colapso das evidências” (quantas vezes o repetimos nestes anos, e com uma consciência cada vez maior): aquilo que há apenas algumas décadas parecia óbvio, quanto aos fundamentos da vida pessoal e social, já não é evidente para a maioria dos nossos contemporâneos.

A consequência mais imediata é uma grande confusão, que todos notamos. Como testemunha um dos mais importantes sociólogos alemães, Ulrich Beck, no seu último livro (publicação póstuma). Diz literalmente: “O mundo está fora dos trilhos. São muitos os que acreditam nisso. Vagamos sem meta, confusos, discutindo os prós e contras disto e daquilo. Sobre uma frase, a maioria das pessoas encontra-se de acordo, para lá de todos os antagonismos, e em todos os continentes: ‘Já não entendo mais o mundo’” (*La metamorfosi del mondo*, Laterza, Bari 2017, p. XIII).

Portanto, muitos se perguntam: de onde é que se pode recomeçar? De onde partir?

Justamente por isso, impressionou-me muito ouvir uma intervenção de Dom Giussani, durante um encontro com o núcleo de adultos reunidos em torno do Centro Cultural Péguy, que se tornaria depois Comunhão e Libertação. Foi no dia 1º de novembro de 1968, em Varigotti. Estamos no auge da crise que nesse mesmo ano tinha atingido GS (*Gioventù Studentesca*). Giussani intervém exatamente no meio da desorientação geral, e pergunta-se: de onde recomeçar? O que é que pode sustentar verdadeiramente a vida num momento de tão grande confusão? O que é que pode resistir ao impacto da passagem do tempo? A sua resposta está contida nas palavras que vamos ouvir agora.

Pela forma como me tocou quando o ouvi, tendo-o entendido como radicalmente pertinente à situação de hoje, decidi fazer com que também vocês escutassem. Além das palavras, prestem atenção também ao tom e à forma com a qual Dom Giussani se dirige aos poucos do Centro Cultural Péguy que o estão escutando.

Pareceu-me importante que também os nossos amigos estrangeiros – que seguem este encontro ao vivo ou que assistirão à gravação – pudessem ouvir a intervenção de Dom Giussani e não apenas ler a sua tradução, para facilitar a sua identificação com os conteúdos sobre os quais todos iremos trabalhar no mês de outubro. ■

A Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Varigotti, 1º de novembro de 1968)

por Julián Carrón

Luigi Giussani

Fiquemos por um momento em silêncio (pensando no que viemos fazer, mesmo que não tivéssemos ainda captado a resposta) perante Deus.

Breve momento de silêncio

Esperemos ao menos que o Senhor nos dê, ao final destes dias, a compreensão clara do que viemos fazer, na medida em que essa clareza faltasse na origem.

Eu nunca me senti tão embaraçado e nunca me senti com tanto temor para falar deste lugar, depois de quinze anos, como desta vez. Porque esta vez é como o fruto último, é como o nível extremo de uma história. Eu já estou implicando assim aquilo que pra mim deveria ser o conteúdo destes dias, já estou dizendo pelo menos a importância que pra mim deveria ter o conteúdo destes dias. É como se tocássemos o fundo daquilo que há quinze anos viemos começar a procurar justamente neste lugar. E o temor ou o embaraço é pela parte que a minha voz ainda deve ter.

Estamos todos cheios de esperança de que estes dias digam alguma coisa; não só que não sejam dias perdidos, mas que estabeleçam, coloquem de modo estável algo, nos façam dar um passo irreversível. Todos temos essa esperança, mas a diferença profunda em relação a todas as outras vezes em que nos reunimos está aqui: que essa esperança

não está mais naquilo que lhes seria dado, mas em vocês. Não é mais esperança naquilo que uma voz ou algumas circunstâncias vão poder lhes dar nestes dias, é uma esperança – ao invés – que cada um deve colocar, não digo em si mesmo no sentido autônomo da palavra, mas em algo que está dentro de si, de vocês. Digamos a frase clara, simples: é uma esperança, desta vez, em vocês, é uma esperança em mim e em você, em você e em mim, é uma esperança na nossa pessoa ou em algo que está dentro da nossa pessoa. Não é uma esperança em algo fora, não é uma esperança numa voz, em circunstâncias, numa situação, numa ocasião: não é esperança nisso, é uma esperança em algo que está dentro de nós. Tenho então esperança em você, não você esperança no que eu posso conseguir ser capaz de dizer-lhe. No fundo, essa é a diferença que se estabelece entre uma plateia infantil ou adolescente e uma plateia adulta madura; porque na pessoa madura, no homem adulto todo o acontecimento dramático da vida e do seu significado, do seu valor, se desenvolve dentro dele. Não que todos os fatores, ou que os fatores determinantes, ele deva pegá-los da autonomia da sua singularidade. Pelo contrário! Mas tudo aquilo que determina o seu valor atua dentro dele: Deus ou Satanás, se quiserem – o apelo do Mistério de Cristo ou o apelo visceral do mundo –, é dentro de você que atuam o seu drama, que atuam o seu apelo.

Quantas vezes nos marcou esta frase do Evangelho: “Vocês acreditam que quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra?” (cf. Lc 18,8). Acho que em toda a nossa história não tenha havido um momento – um momento em sentido temporal – em que essa frase dita por Cristo melancolicamente, tristemente, tenha aparecido, tenha sido possível ouvi-la tão pertinente como agora. “Vocês acreditam que quando o Filho do Homem voltar a esta terra, ainda encontrará fé sobre esta terra?”.

É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar, é a fé que queremos viver. Ao nosso redor, parece que tudo colabore, que tudo seja conivente com uma força operante que tenta eliminar essa fé, ou desestabilizá-la, ou esvaziá-la, ou reconduzi-la a categorias puramente racionais, a categorias naturalistas. Fora e dentro do mundo cristão, mais dentro do que fora, agora. É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa. Exatamente por isso o discurso destes dias e o trabalho destes dias marcam algo em que cada um de nós se arrisca, arrisca a si mesmo. Por isso tentamos ser claros na compreensão antes de vir aqui. Nós estamos prontos para falar com o mundo todo, para ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, “expressão”, e onde o rela-

cionamento seja “coração”, cordial, onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado e os entendimentos um significado; e o pão seja pão, e a água seja água.

Por isso, antes de vir aqui, quisemos ser claros e, pegando da história, especialmente aquela dos últimos anos, em particular do último ano, aqueles albores, aqueles albores de uma definitiva visão das coisas, aqueles acenos, aquelas ocasiões para uma radical “versão” da nossa maneira de conceber o mundo, pegando então da experiência deste último ano, destes últimos anos, essas ocasiões, esses primeiros albores, essas primeiras indicações, nós nos dissemos que sobre eles lançamos a nossa pessoa, aceitamos arriscar a nossa pessoa. Eles estabelecem, portanto, o perímetro de uma amizade que é a condição fundamental para que o homem possa tornar-se ele mesmo, possa caminhar sem correr um perigo insuperável, sem um perigo impossível de ser superado.

IV

Apesar do número, portanto, é um ar de profunda, ainda que extremamente discreta, familiaridade aquela na qual o tom destes dias deve encontrar alimento, o seu alimento; uma familiaridade pacata e discreta, mas profunda, que ama, que deseja, que só espera o seu esclarecer-se, esclarecer-se ulteriormente ou esclarecer-se sempre mais. Neste sentido, é claro que a esperança é colocada por cada um de nós no outro: é em você e é em mim que a esperança é colocada, porque é numa sinceridade sua, mas digamos a palavra verdadeira, é numa “pobreza de espírito” sua. Não uma curiosidade intelectual, mas uma pobreza de espírito deve nos acompanhar nesta companhia amanhã, depois de amanhã, segunda-feira: uma pobreza de espírito, a pobreza autêntica, não a pobreza miserável, não a pobreza feia, mesmo que o Evangelho indique na pobreza miserável e feia uma ocasião da qual Deus se serve para obrigar o homem a ir ao fundo das coisas; mas sem a pobreza do espírito até a pobreza mais negra não se torna evidentemente ocasião para um aprofundamento, porque é só a conversão que faz entender e que dá valor, e na pobreza de espírito é que está a conversão.

Pobreza de espírito, portanto. O sintoma mais radical da pobreza do espírito é a escuta, é a posição de reescutar e de escutar: de reescutar o que já nos foi dado, e profusamente dado, porque Deus, sendo o criador, o construtor, não pode nos preparar algo agora se não tiver relação com o que já nos foi dado; e de escutar, porque justamen-

te, sendo Ele criador, cada momento tem uma novidade, uma novidade impressionante, que urge sobre a nossa existência e a provoca para o caminho, ou a provoca para a descoberta e a construção.

É um acontecimento que deve ocorrer dentro de nós, nestes dias. É um acontecimento que deve ocorrer dentro de nós, porque aquilo que buscamos fazer não é uma associação. Já seria alguma coisa, dizia um de vocês esta noite, se saíssemos daqui tendo entendido que realmente não é uma associação o que queremos fazer – independentemente de todo o organismo em que uma amizade busque caminho e afirmação –; não é uma associação aquilo que miramos, mas é, para usar a palavra já dita, uma “fé”, uma clareza, uma dada, determinada, clareza de fé. Porque então a sua pessoa, transformada por dentro, aonde quer que vá, qualquer coisa faça, qualquer relação estabeleça, criará uma parte daquele organismo do qual nós somos assim sensíveis *partners*, o organismo de Cristo no mundo.

Não sei como expressar o que está fermentando dentro de mim agora, porque eu queria, com esta premissa, limpar o terreno de todos os obstáculos e entendo que não consigo. Mas eu entendo isto: que a palavra “fé”, como eu a disse, ou a palavra “Cristo”, como disse agora há pouco, ou a palavra “organismo de Cristo no mundo”, como disse logo agora, estas palavras, como todas as que eu disse, que eco diferente elas têm em mim e em vocês; entre todos nós, que eco diferente! Para quantos entre vocês ainda, talvez, essas palavras ressoem como exteriores a si. De todo jeito, por mais exteriores que possam ser percebidas, ou profundamente inscritas na própria personalidade – como eu as percebo –, é uma conversão diante dessas palavras aquilo a que miramos nestes dias. É um acontecimento, não um entrar em acordo para fazer algo; não uma estrutura para ser pensada ou ser salva, mas um acontecimento em nós mesmos, porque depois o homem adulto vai criar a estrutura como obra de suas mãos, se e na medida em que tiver dentro de si o rosto que essas palavras devem determinar, se tiver o coração, a inteligência e o coração dos quais essas palavras deverão ser o conteúdo.

João XXIII falava de sinal dos tempos, amava falar de “sinal dos tempos” (cf. Carta Encíclica *Pacem in Terris*, 21ss.). Utilizemos também nós essa expressão e busquemos um

sinal dos tempos no que diz respeito à pedagogia da fé, à nossa relação de fé, à nossa relação com a fé.

Me parece que esse sinal dos tempos possa ser definido assim: há quinze anos, quando começamos Gioventù Studentesca – cada um de vocês se lembra –, a ocasião, o motivo (não digo quinze anos pra cada um de vocês, mas digo que é uma atitude que perdurou até agora), a ocasião para o apelo, o impulso no qual se buscava o apoio, a razão – eis – sobre a qual se buscava apoio para mover à adesão, o impulso, o motivo sobre o qual a gente tentava se fundamentar, normalmente era este: nascemos numa tradição, não é justo que tenhamos de continuar ou deixar de lado essa tradição sem nos comprometermos antes com ela. Uma história formulava em nós um dever de lealdade para com ela.

Pela minha experiência, esse foi o tipo de apelo catalizador das boas vontades, catalizador de um mínimo de simplicidade de coração que ainda permanecesse. De toda forma, pela minha experiência, foi esse tipo de apelo, foi essa razão que moveu todas as pessoas que vieram conosco: digo o motivo ou impulso explicitado, teorizado, definido.

Ora, se há um aspecto impressionante como sinal dos tempos, ou do sinal dos tempos, é este: que semelhante tipo de apelo hoje não duraria, não duraria mais. Para o jovem e para cada um de nós, na medida em que fica dentro de nós alguma juventude, a tradição como motivo e apelo não é mais suficiente; poderia ser uma palavra que, em determinado temperamento equilibrado e cheio de sensibilidade, poderia até suscitar emoção e comoção, mas não aquela

impressão que mova. Se eu tivesse atualmente de pedir aos jovens para entrar em GS, eu não creio que ainda usaria essa razão.

É verdade, e ainda se pode ressaltar porquê: é um tempo, o nosso – quantas vezes tivemos oportunidade para acenar a isto – em que a história passa por um momento eminentemente crítico, por isso um momento de empenho na revisão e revolução das coisas. Nesse sentido, a história vive um momento no qual falta o senso da história: afobado e apaixonado na obra presente, o homem perde o senso da história. Desse ponto de vista, um tempo como o nosso, se é rico de uma energia inusitada, se é rico de uma força operativa impensada até poucos anos atrás, é extremamente pobre de espírito, mas não no sentido evangélico da palavra; é uma época extremamente pobre, porque a riqueza do espírito é eminentemente um fenômeno, um acontecimento de síntese, e o senso da história é o índice supremo da riqueza do espírito.

Mas há um segundo aspecto desse sinal dos tempos que confirma a interrogação que o primeiro destacou começou a colocar. Há um outro modo com o qual não é mais possível começar para fazer esse apelo à fé; é um outro modo com o qual a admiração do inteligente ainda pode ser despertada, mas não aquele movimento da pessoa que a faça passar a algo de novo, que a faça comprometer-se com algo para fazer, com algo de definitivo, de definidor e de definitivo – quantas vezes, também, fizemos esse apelo! –: não é o fato de que a filosofia cristã da vida, o olhar cristão sobre o mundo, a teoria cristã

da existência seja mais completa, seja completa em relação às outras, perfeita, equilibrada, compreensiva, humaníssima. Não é sequer a maravilha de uma teoria perfeita o que pode mover o jovem de hoje e cada um de nós na medida em que possui algo de juvenil em si.

Tradição e teoria, tradição e discurso não conseguem mais mover o homem de hoje. Eu falei do jovem, mas aquele mínimo de juventude que mencionei antes é o que permanece no homem por toda a vida, então também para nós é assim, até para o homem adulto e maduro é assim; aliás, para o homem adulto e maduro esse problema não se coloca, justamente porque para se tornar adulto na fé é preciso tê-lo superado, é preciso ter superado o apelo fascinante do motivo histórico e o apelo admirável de uma estética dada por uma perfeição teórica.

Não pode mais ser nem a história, nem a doutrina, nem a tradição, nem o discurso a mover o homem de hoje. Tradição e filosofia cristã, tradição e discurso cristão criaram e ainda criam a cristandade, não o cristianismo. Por “cristandade” entendemos aquele fluxo, aquela correnteza, aquele canal identificável no campo da história e qualificado, justamente, por determinadas fórmulas de pensamento, por determinadas maneiras de conceber, por determinadas regras morais, por determinados valores que são sublinhados, por determinados comportamentos práticos, por determinadas formas. Tradição e discurso, tradição e cultura cristã, tradição e teologia, se quiserem, tradição e doutrina cristã, criam formas.

O cristianismo é totalmente outra coisa, mesmo que, é claro, o cristianismo compreenda tudo isso que dissemos. Não só recupera, mas exalta o valor da história, faz com que a tradição seja realidade viva, recupera o filosofar no sentido profundo da palavra, recupera o ordenamento inteligente. Não só, mas o exalta até fazê-lo tornar-se uma realidade viva dentro de nós. Pois bem, o cristianismo é aquele “isto” que faz tornar-se realidade viva a tradição, que faz tornar-se realidade viva a articulação do pensamento, que faz tornar-se vivo aquilo que é passado, que faz tornar-se vivo o pensamento, a ideia e o valor.

VI

Mas vivo é algo presente! Metodologicamente não podemos fazer outra coisa, se não quisermos nos confundir, a não ser voltar à origem: como surgiu, como começou? Foi um acontecimento. O cristianismo é um acontecimento. A cristandade é um sulco sócio-histórico, mas o cristianismo é um acontecimento. A cristandade são formas articuladas, mas o cristianismo é um acontecimento. Digamos então: como fizeram para começar a crer? Em que consistiu aquele acontecimento que despertou um tal interesse, determinou uma tal impressão que as pessoas pela primeira vez se arriscaram com o que estava à sua frente, que as pessoas pela primeira vez tiveram a fé acesa dentro de si, que o cristão começou a ser no mundo? Qual foi aquele acontecimento, de que tipo foi aquele acontecimento?

Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres, não creram porque Cristo citava os

profetas, não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas, a grande maioria, o ouviram falar assim, o ouviram dizer aquelas palavras, o viram fazer aqueles milagres, e o acontecimento não ocorreu para elas. O acontecimento foi algo do qual o milagre ou o discurso eram articulações, eram segmentos, eram fatores, mas foi outra coisa, mais, mais, tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o significado deles. Creram por como Cristo apareceu. Creram por aquela presença, não por isto ou aquilo que fez e que disse. Creram por causa de uma presença. Não uma presença imberbe ou obtusa, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta. Creram por causa de uma presença carregada de proposta. Uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado. Qual é o termo com o qual se pode definir perfeitamente o acontecimento de uma presença carregada de proposta, carregada de significado para a vida (porque a proposta é um significado para a existência)?

Há um detalhe, uma conotação, que ainda é preciso ressaltar, que não podemos deixar escapar: nem todas as presenças, nem qualquer presença é carregada de significado, *pardon*, não qualquer presença com proposta é carregada de significado a ponto de reentrar no que define a palavra que estamos prestes a dizer; mas a presença com proposta é carregada de significado, a ponto de ser definida pela palavra que vamos usar, somente na medida em que tem algo de imprevisível, de imprevisto e de imprevisível, ou seja, tem uma novidade radical consigo. Uma novidade radical que eu repito, redescubro com os termos “imprevisto” e “imprevisível”: é uma coisa que não existia e que existe, está aí; é uma coisa que não podia existir, e está aí. Uma coisa que não podia existir e está aqui. Uma coisa que não podia existir, ou seja, que não era corolário, que não era coerente com toda a sabedoria, com toda a experiência, com todos os discursos precedentes, com toda a tradição. É a expressão de uma potência “a mais”, é a expressão de uma potência maior, é a presença de uma potência maior, como quer que seja definida, mesmo se mais ou menos apressadamente depois a nossa consciência crítica tentasse reconduzir essa impressão inegável, essa impressão irresistível no primeiro momento, mesmo que a nossa consciência crítica tentasse mais ou menos apressadamente reduzi-la às categorias de antes, da tradição ou do seu discurso de antes, do seu filosofar antecedente, da sua sabedoria antecedente, da sua experiência antecedente.

Portanto – resumindo – uma presença cheia de proposta, repleta então de significado. Mas este “então” excede um pouco. Uma proposta é cheia de significado, uma presença com proposta é cheia de significado na medida em que tem dentro algo de irreduzível ao passado, ou seja, ao nosso presente que nasce do passado. Uma novidade radical está nela.

Bem, a palavra que indica esse fenômeno é a palavra “anúncio”. O cristianismo nasceu como anúncio: era aquela pessoa, que falava assim, que fazia assim, mas era ela, aquela pessoa, que dizia e fazia; era aquela pessoa, era o conjunto, era tudo, era aquela presença carregada de proposta, repleta de

"É realmente anúncio, na medida em que envolve no significado que expressa a pessoa que o carrega"

significado, com uma novidade irredutível. Era a experiência de uma irredutível novidade. Tentem pensar, com delicadeza de espírito, com discricção não no sentido da timidez, pelo contrário, mas do pudor, da fineza profunda, que assegura a perspicácia da pobreza do espírito, tentem pensar naquela menina que estava em casa e recebeu o anúncio: Nossa Senhora. Algo, em última instância, não condutível aos acontecimentos antecedentes, dos quais o seu presente era feito.

Mas por que aquelas centenas de pessoas acreditaram assim que o Espírito desceu sobre os Apóstolos? Por que acreditaram quando Pedro se pôs a gritar na praça? Por quê? Teria sido só um fato curioso, que alguém falasse e o entendessem em muitas línguas; teria sido só um fato intelectual, que se pusesse em seu discurso, como fez, para rever toda a história judaica em função daquele Homem que tinham matado poucos dias antes. O anúncio era aquela coisa ali, era o que acontecia, era aquele acontecimento, era a totalidade daquele acontecimento que chocava, no sentido da impressão, que carregava, que carregava algo, algo que não podiam evidentemente decifrar e definir, mas era diferente, uma novidade, uma proposta – caramba, que proposta! –, uma proposta que mudava. Não conseguiam decifrar o valor e os termos dessa mudança, nem um pouco. Por isso a palavra “anúncio” possui uma única outra palavra à qual imediatamente remete, e é a palavra “conversão”.

Mas, para não ressaltar todos esses componentes, ou todas essas implicações, melhor, retomemos o

esforço da imaginação, identificando-nos com aquele momento: foi um acontecimento na sua inteireza que marcou aquelas pessoas; e aquilo pelo qual ficaram marcadas e mudaram foi que aquele acontecimento era cheio de significado, novo, imprevisto e imprevisível. Mas por que o povo de Esmirna ou de Atenas, de Mileto ou de Filipos aderiu – aqueles que aderiram – a São Paulo? Por causa das palavras que ele dizia? Pelos gestos que ele fazia? Também! Era por todo um conjunto, que a palavra “anúncio” descreve em seu perímetro total. Era um anúncio: a presença de algo que propunha uma mudança, uma novidade.

Há um termo na nossa história, na história dos nossos esforços, que é próximo daquilo que esta noite tentamos focar, e é a palavra “encontro”. De fato, a palavra “encontro” tem um significado existencialmente incisivo, existencialmente válido, exclusivamente se o encontro coincidir com um anúncio: uma presença carregada de significado.

Há um sintoma particular que quero destacar, para que a coisa fique ainda mais clara. É anúncio uma presença com proposta; ela se torna realmente carregada de significado, é realmente anúncio, na medida em que envolve no significado que expressa a pessoa que o carrega, que carrega aquele significado. O anúncio é a

presença de uma pessoa envolvida com plenitude num significado do mundo, num significado da vida. Porque o que muda a vida, aquilo que nos muda, uma impressão é existencial, ou seja, muda a existência, na medida em que carrega uma concepção do mundo, uma visão do mundo. Por isso, o anúncio é a presença, é uma presença carregada de significado, mas uma presença que envolve nesse significado a pessoa que carrega esse significado.

Uma pessoa envolvida com plenitude num significado do mundo e da vida. Cristo foi isso para quem o ouviu, Pedro foi isso para quem o ouviu, Paulo foi isso para quem o ouviu com pobreza de espírito. Porque justamente na falta de pobreza do espírito, justamente na proporção exata em que falta a pobreza de espírito, que acontece? Que a pessoa já sabe as coisas, acha que já sabe e reduz tudo ao que já sabe, tende a reconduzir tudo ao que já sabe. Só o pobre de espírito é que pode ser enriquecido, a riqueza é só para ele: para o outro não há nada além de consumição, isto é, um viver de renda, que é a consumição.

Todos nós, se estamos aqui, é porque de alguma forma esse anúncio nos tocou, é porque de alguma forma aquela presença, que envolvia a pessoa num significado do mundo

e da vida, nos foi dada. De qualquer forma, pelo próprio fato de estarmos aqui, é impossível que esse anúncio não nos tenha tocado, não tenha tocado a nós também. É um acontecimento.

Eu disse: sempre usamos a palavra “encontro”, mas a palavra “encontro” não expressa toda a profundidade da questão, a palavra “anúncio” sim, porque a palavra “anúncio” escancara – por trás de tudo o que se possa dizer – o senso misterioso daquela potência, ou daquela vontade poderosa, ou daquela inteligência e vontade poderosa pela qual a coisa aconteceu, pela qual essa presença existe. Por que existe? A palavra “anúncio” escancara (por trás de tudo o que se possa dizer) com clareza o senso do mistério do Pai, o senso do mistério de Deus, o senso da vontade do Pai, o senso do desígnio de Deus, o senso do Deus senhor do homem e da história, que faz acontecer o anúncio para mim e para outro não, para outro sim e para mim não; que escolhe anunciar-se a Nossa Senhora, uma garota absolutamente ignorada, sem valor mundanamente falando, que a ela escolhe anunciar-se, que a pobres pescadores escolhe anunciar-se, que a um, dois (Nicodemos, José de Arimateia...) sábios do povo escolhe anunciar-se, e não aos outros trezentos do Sinédrio. Essa liberdade impressionante e absoluta tocou a mim e a cada um de vocês pelo próprio fato de estarmos aqui. Mas este é o problema que deixo aberto; enquanto estivermos indo embora daqui, deveríamos olhá-lo de frente: dar-mo-nos conta desse acontecimento que nos ocorreu, dar-mo-nos conta do que o cristianismo significa; o cristianismo

significa esse anúncio. Cristianismo não significa dar dinheiro aos pobres, cristianismo não significa levar 34 crianças dos outros para casa, cristianismo não significa usar a tiara papal, cristianismo não significa rezar a Deus, cristianismo não significa fazer gestos religiosos, porque todas essas coisas, como tipo de coisas, são possíveis em todas as experiências dos homens.

O cristianismo é algo que nos é dado e que nos aparece como dado, nos aparece como anúncio, realidade imprevista e imprevisível: não existia e está aqui; não podia existir e existe, está presente. Não podia existir e está presente: uma novidade absoluta. Imaginem o que os pastores sentiram com o anúncio do Anjo, ou os Magos com o anúncio do qual a estrela foi um sinal: uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta, não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso, e está aqui. O cristianismo é esse acontecimento, é o acontecimento desse anúncio. Anúncio não enquanto eu o sinto, antes de mais nada, mas enquanto se apresenta a mim: é uma proposta, é uma espécie de proposta, é um tipo de proposta; é uma espécie de significado, um tipo de significado que é veiculado a mim, que é proposto, que vem até mim nos termos de pessoas envolvidas com ele, de certo modo envolvidas com ele. Deus escolheu por um determinado anúncio um adúltero, Jeremias; Deus escolheu por esse anúncio pessoas miseráveis, os apóstolos; Deus escolhe por esse anúncio pecadores, porque tudo está no poder que faz vir a coisa à tona. Tudo está no acontecimento – não

no que somos, no que podemos ser, digo, como valor moral –, está em algo fora de nós e que se propõe ao profundo de nós; mas está fora de nós: é um acontecimento fora de nós, exatamente como o mar em tempestade. Um acontecimento fora de nós, um acontecimento que é um anúncio; um acontecimento que, fora de nós, imprevisível – não se podia prever – vem à tona e passa por nós, nos transpassa, até o profundo de nós, com a sua proposta; e essa proposta que nos transpassa até o profundo envolve também aquela pobre pessoa que o carrega, apesar dela. Lembrem o capítulo de Jeremias, quando a certa altura, farto, ele tentou rebelar-se contra Deus, nós meditamos isso mais de uma vez: “Eu me disse: ‘Não falarei mais em Seu nome, chega, vou me afastar da Sua face, não falarei mais em Seu nome’. Mas estava dentro de mim como um fogo devorador, como um fogo devorador dentro dos meus ossos, e eu me consumia na tentativa de contê-lo e não conseguia, e era obrigado a sair e gritar de novo: ‘Maldição e ruína para quem não escuta Javé’” (cf. Jer 20,9;22,5).

É preciso apagar o passado para entender o que é o cristianismo, é preciso apagar toda a conotação do passado para entender o que é agora, agora, agora. Claro, não o passado de ontem ou de anteontem, porque o cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que envolve a vida de outras pessoas. Outras pessoas, para trazer uma proposta até você, envolveram as suas vidas, e é uma proposta que pretende que você envolva a sua. Mas é uma proposta que, por pretender

que você envolva a sua, é cheia de significado, é cheia de uma novidade impensada, garante uma mudança inimaginável, inimaginável.

A principal coisa para começarmos a delinear dentro de nós, para começarmos a “desfazer” toda a embalagem que está por cima a fim de vermos o presente que está dentro, para descobriremos o rosto claro que possui, a coisa para começarmos a olhar de frente é essa realidade absolutamente viva, presente, que é o cristianismo.

O cristianismo é um anúncio, fenômeno pelo qual as pessoas, uma pessoa – pensem em Cristo –, uma pessoa, através de um jeito de ser, de um envolvimento da sua vida, carrega uma proposta que tende a mudar a tua vida: uma pretensão que não pode existir senão por um significado absolutamente novo. Que tipo de montanhas de entulhos é preciso retirar da superfície – e muito mais abaixo da superfície – da nossa consciência, da nossa alma, da nossa inteligência, da nossa sensibilidade, para começarmos a caminhar rumo àquilo de que essa palavra, a realidade existencial de que essa palavra “anúncio” começa a ser eco, quer ser eco! Quanta massa de entulhos, quanta crosta precisamos quebrar! Por isso, qualquer posição de curiosidade, pelo tanto que uma posição tem de curiosidade intelectual, por esse tanto, eis, não pode conseguir entender. É só uma pobreza de espírito que permite isso, aquela pobreza de espírito que nos faz gritar: “Pai, mostra o Teu rosto para mim!” (cf. Sl 27,8-9); aquela pobreza de espírito que nos faz gritar: “A minha alma tem sede do Deus vivo” (cf. Sl

42,3), é a nudez dessa palavra que é necessária, é a sinceridade dessa palavra, é a perfeição de pureza dessa palavra, que pode estar ali, nítida, sob qualquer mal, qualquer pecado, qualquer ignomínia, e que pode não estar, pode não existir na alma perfeita do fariseu, na alma moralmente irrepreensível do fariseu.

Quando nesta noite, antes de vir aqui, eu me dizia: “Mas agora eu tenho de ir lá e dizer estas coisas...”, o que me confortou na decisão de aceitar essa ingrata tarefa foi exclusivamente este pensamento, humanamente falando: que estas palavras, que esta palavra, ou que palavras como estas devem ser lançadas lá, mesmo se parecem ricochetear como sobre uma pedra, ou parecem escorregar como sobre o mármore; devem ser lançadas, porque só a tenacidade de um caminho é que as abre, que as escancara, que nos faz sermos invadidos pela força delas, pelo seu valor, que nos faz sermos totalmente tomados por elas. Mas essa tenacidade não pode acontecer em nós, não pode existir em nós a não ser na condição da convivência: é uma convivência que dá essa tenacidade, só uma convivência.

Porque é preciso que acabe um período e comece um outro: o definitivo, o maduro. Esta palavra está na origem do nosso cristianismo maduro, ou do cristianismo, é aquilo que pode sustentar o impacto do transcórre do tempo, aliás, o impacto do transcórre de toda a história: porque aquele anúncio que começou a tocar duas pessoas (primeiro capítulo de São João) dois, João e André, dois mil anos atrás,

aquele anúncio, aquela pessoa lá, é tal qual o fenômeno que nos atraiu aqui, e é o fenômeno que pode nos fazer permanecer na Igreja de Deus. Mas agora não pode mais ser aceito passivamente, os tempos não nos permitem isso, os dois tempos: o tempo da história (“sinal dos tempos”) e o tempo da nossa vida, porque não podemos permanecer, depois de adultos, cristãos com uma certa autenticidade a não ser por meio da experiência desse acontecimento, a não ser por meio da consciência do anúncio. Principalmente, é claro, não poderíamos ser anúncio para os outros, ou seja, não poderíamos sustentar o Mistério de Cristo no mundo, colaborar com ele, difundir – se diz – o cristianismo no mundo. Seremos fiéis à Igreja, seremos de Deus na luta do mundo: não é possível sermos isso, não é possível sermos missionários, enfim, a não ser por um anúncio continuamente vivido, e portanto também participado. Para muitos poderá parecer que não. Ao invés, eu digo que sim, que é uma radical mudança, não digo, no fundo, em última instância, necessariamente, da nossa atitude, mas da nossa consciência, da nossa consciência, do nosso modo de definir as coisas sim, e portanto do progresso da nossa atitude. Porque o progresso da nossa atitude, uma construção nova sobre o nosso presente não pode ocorrer a não ser por uma consciência explicitada, a não ser por uma consciência definida. Eu lhes digo que é uma radical mudança da nossa consciência, do nosso modo de pensar, do nosso modo de ordenar as coisas, é uma radical mudança aquilo que deve ocorrer, que a palavra “anúncio” faz acontecer. ■

Julián Garrón

Belo choque, a ponto de nos fazer ficar em silêncio, pedindo que as palavras ouvidas – que ficam tantas vezes externas, devido ao eco diferente que produzem nele e em nós, como nos foi dito –, possam tornar-se nossas! Teremos tempo para dar espaço a este silêncio e para o trabalho sobre tudo aquilo que ouvimos.

A cinquenta anos de distância, impressiona ainda mais o fato de que, enquanto tudo estava tão virado do avesso, Giussani tivesse esta clareza de juízo sobre a situação da Igreja e do mundo e sobre qual deveria ser a resposta.

O que pode resistir diante de uma situação como a atual? A única coisa que pode resistir é o anúncio – como ouvimos – que começou a ecoar quando Jesus se dirigiu àqueles dois, João e André, provocando aquele fenômeno que os atraiu. Só o acontecer de novo daquele mesmo fenômeno permitirá, a longo prazo, permanecer ainda na Igreja de Deus. Não será possível resistir, a não ser pela renovação daquela mesma atração. Por isso Dom Giussani nos recordou o método de sempre, desde o primeiro momento até agora, voltando a propor-nos a pergunta: como é que foi o início? Como é que começaram a acreditar? Que é o mesmo que dizer: como é que nós podemos continuar a acreditar? “Creram por aquela presença [...], uma presença com um rosto bem preciso, [...] carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta”. A presença de Jesus era uma presença que carregava um anúncio. Mas “é anúncio uma presença com proposta [...], carregada de significado [...], na medida em que aquela presença envolve no significado que expressa a pessoa que carrega esse significado”; ou seja, é anúncio, é presença, uma testemunha em quem a palavra se tornou carne, parte de si.

Por isso Dom Giussani concluía: “É preciso que acabe um período e comece um outro: o definitivo, o maduro. [...] Mas agora” o cristianismo “não pode mais ser aceito passivamente [...] porque não podemos, depois de adultos, permanecer cristãos com uma certa autenticidade a não ser por meio da experiência desse acontecimento, a não ser por meio da consciência do anúncio”.

Agora, como é que este acontecimento se torna experiência para cada um de nós, como é que entra nas entranhas do nosso ser? Foi ele próprio que nos recordou: só através de um caminho paciente, graças ao qual aquilo que nos agarrou poderá chegar a determinar tudo em

"Agora, como é que este acontecimento se torna experiência para cada um de nós, como é que entra nas entranhas do nosso ser?"

nós. É a isto que Dom Giussani nos convida: à “tenacidade de um caminho”, sem o qual é uma ilusão pensar que o acontecimento se torne experiência nossa.

Peçamos ao Senhor que nos faça experimentar novamente nas nossas entranhas aquele acontecimento, aquela novidade que nos agarrou, para que a origem nunca se reduza a um fenômeno do passado. Peçamos a Ele a graça de tomarmos consciência, neste momento de confusão também no seio da Igreja, da responsabilidade que temos, certamente não por mérito nosso, mas por tudo quanto recebemos: um método através do qual o anúncio cristão na sua essência pode entrar na vida de cada um, até envolver toda a nossa pessoa, ou seja, um acontecimento agora, uma testemunha, como são Dom Giussani e o Papa Francisco. ■

Santa Missa

Homilia do Padre Julián Carrón

Liturgia da Santa Missa:

Nm 11,25-29; Sal 18 (19); Gc 5,1-6; Mc 9,38-43.45.47-48

É sempre Deus que toma a iniciativa, dissemos nos Exercícios da Fraternidade. A liturgia de hoje nos mostra isso mais uma vez: para salvar o Seu povo, Deus toma a iniciativa com uma pessoa, Moisés. Mas logo em seguida envolve outros: o Espírito recebido por Moisés passa para outros setenta homens, para que possam comunicar aquilo que foi dado a Moisés. E este primeiro movimento era apenas o anúncio da grande iniciativa que Deus estava para tomar, a de enviar o Seu filho, para levar a cumprimento a tentativa de Moisés. O dom que Jesus coloca na história começa assim a ser comunicado aos primeiros que Ele encontra: os discípulos.

Nós conhecemos bem este método de Deus. Aquele movimento do Espírito é, com efeito, o mesmo pelo qual estamos aqui: continuando a utilizar o mesmo método, o Mistério tomou a iniciativa com uma pessoa, Dom Giussani, dando-lhe a graça do Espírito para que pudesse chegar a nós com aquele tom, com aquela força – que acabamos agora mesmo de sentir, ouvindo juntos as suas palavras –, com aquela intensidade que fez com que todos nós nos interessássemos pelo cristianismo, participando assim do seu espírito, do seu dom, da sua graça. É comovente ver como aquele método não marca apenas o início de uma história passada, mas continua a reali-

zar no presente o cuidado com que Deus toma conta de nós.

Mas se não nos tornarmos conscientes de toda a gratuidade deste dom, podemos logo tentar nos apossarmos dele. Ouvimos isso na primeira leitura de hoje. Uma vez que o espírito de Moisés tinha chegado também a dois que tinham ficado fora do grupo a quem tinha sido dado, vendo-os profetizar, Josué vai procurar Moisés para lhe dizer: “Moisés, meu senhor, proíba-os!”. Mas Moisés responde-lhe: “Você está com ciúmes por mim?”. Aconteceu também aos discípulos de Jesus, como diz o Evangelho: “Mestre, vimos um que espantava os demônios em teu nome e queríamos impedi-lo, porque não nos seguia” – ou seja, porque não fazia parte do círculo deles. Moisés primeiro, e depois Jesus, recusam-se a submeterem-se a esta atitude de fechamento. Diz Moisés: “Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse o seu Espírito sobre eles!”. Como que a dizer: “Não se dão conta de que Deus me deu o seu Espírito para que chegue a todos?”. O mesmo faz Jesus com os discípulos: “Não o impeçam, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim: quem não está contra nós é por nós”.

Jesus desmascara a tentação de converter o dom que recebemos numa

“Que a graça que recebemos possa resplandecer cada vez mais diante de todos, e que não tenhamos de escandalizar ninguém com um uso ‘estranho’, possessivo ou errado da graça recebida”

XII

posse, e de usá-lo de uma forma “patrimonial”, esquecendo-nos de que nos foi dado gratuitamente, esquecendo-nos além disso de que a própria natureza de um carisma, de uma graça do Espírito, é a de ser para todos: é dado a uma pessoa para que chegue a todos, segundo um desígnio que não é o nosso. Por isso Jesus, assim como Moisés e todos aqueles que receberam verdadeiramente o Espírito, corrigem as tentativas de um uso patrimonial da graça recebida. Como Dom Giussani nos corrigiu.

Ouvindo estas leituras, ouvimos ecoar em nós aquela frase de Dom Giussani: “Sublinha-se o positivo [que encontramos em quem quer que encontremos pelo caminho], mesmo com o seu limite, e abandona-se todo o resto à misericórdia do Pai” (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 159), porque não somos nós que definimos a forma como o Espírito deve agir. O Espírito sopra onde quer, mesmo fora da Igreja – como sempre afirmou a Igreja –, portanto, também fora do nosso círculo! Que atenção, que tensão, temos então de ter, para reconhecer e seguir qualquer movimento do Espírito, em quem quer que este se manifeste, para que estes se tornem nossos

companheiros de caminho, porque “quem não é contra nós é por nós [está conosco]. Com efeito, quem quer que lhes dê a beber um copo de água em meu nome porque sois de Cristo [...], não perderá a sua recompensa”.

Em vez de nos preocuparmos em gerenciar a ação do Espírito, preocupemo-nos então com a nossa conversão, para que nenhum de nós se torne motivo de escândalo. “Quem escandalizar um só destes pequeninos que creem em mim, é muito melhor para ele que lhe ponham ao pescoço uma mó de moinho e o atirem ao mar”. Somos chamados a viver o dom que recebemos retirando do caminho tudo o que lhe seja obstáculo – também a mão, ou o pé, ou o olho, se se tornarem motivo de escândalo, diz Jesus –, para que este possa resplandecer. Que desproporção sentimos diante deste dom! Mas se realmente começarmos a estar conscientes desta desproporção, não podemos deixar de pedir que a graça que recebemos (e que recebemos para todos, como primeira antecipação de um desígnio que atua em nós através dos outros) possa resplandecer cada vez mais diante de todos, e que não tenhamos de escandalizar ninguém com um uso “estranho”, possessivo ou errado da graça recebida. ■